

MODOS DE LER FREUD: UMA RENOVAÇÃO POSSÍVEL

WAYS OF READING FREUD: A POSSIBLE RENEWAL

Rayanne Caroline da Silva Amorim, Charles Elias Lang, Ana Carolina do Rosário Correia

¹ Universidade Federal de Alagoas (UFAL), Maceió, Alagoas, Brasil
<https://orcid.org/0000-0001-7565-6256>
rayanne.amorim@ip.ufal.br

² Universidade Federal de Alagoas (UFAL), Maceió, Alagoas, Brasil
<https://orcid.org/0000-0001-6141-2795>
charles.lang@ip.ufal.br

³ Universidade Federal de Alagoas (UFAL), Maceió, Alagoas, Brasil
<https://orcid.org/0000-0001-7627-8656>
ana.correia@ip.ufal.br

Recebido em 30 set. 2024

Aceito em 23 nov. 2024

Resumo: Este artigo discute sobre modos de ler a querela das traduções dos escritos de Sigmund Freud. Primeiro, discorre-se a respeito de dois pressupostos sobre ler, interpretar e traduzir: a leitura clássica e a leitura atenta e desconstrutiva. Depois, realiza-se um recorte histórico de edições estrangeiras freudianas, centralizando na *The Standard Edition of the Complete Psychological Works of Sigmund Freud* (Freud, 1953-1974). A seguir, discorre-se sobre as primeiras edições brasileiras, que foram retraduições: a coleção *Obras Completas*, pela editora Delta (Freud, 1950-1970); e a *Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas De Sigmund Freud*, pela editora Imago (Freud, 1974). Por fim, foca-se em duas novas coleções brasileiras, que trouxeram à tona a problemática do caso *Trieb*: a coleção *Obras Completas*, pela editora Companhia das Letras (Freud, 2010-2018), e a *Obras Incompletas*, pela editora Autêntica (Freud, 2013-2023). Pela tradição clássica, o tradutor busca cumprir a impossível expectativa de universalidade e neutralidade sobre o texto original, ocultando-se como sujeito interpretante. Pela guinada desconstrutiva, o tradutor, diante da impossibilidade de neutralidade do seu trabalho, é compreendido como coprodutor de sentido e assim está implicado. Na conclusão, o trabalho tradutório gera implicações teóricas e clínicas na leitura psicanalítica, e as versões de *Trieb* como instinto ou pulsão escancara isso. Assim, aposta-se que tanto tradutores quanto leitores estejam atentos e advertidos em sua leitura das implicações e problemáticas que perpassam as versões de Freud e que estejam, por fim, abertos às multiplicidades de edições como possibilidades de implicação de sentido e às polissemias do texto.

Palavras-chave: Psicanálise. Tradução. Desconstrução.

Abstract: This article discusses ways of reading the controversy surrounding the translations of Sigmund Freud's writings. First, it addresses two assumptions about reading, interpreting, and translating: the classical reading and the close and deconstructive reading. Then, it presents a historical overview of foreign editions of Freud, focusing on *The Standard Edition of the Complete Psychological Works of Sigmund Freud* (Freud, 1953-1974). Next, it explores the early Brazilian retranlations: the *Obras Completas* collection by Delta Publishing (Freud, 1950-1970) and the Brazilian Standard Edition by Imago Publishing (Freud, 1974). Finally, it focuses on two new Brazilian collections that brought to light the issue of the *Trieb* case: the *Obras Completas* collection, by Companhia das Letras, and the *Obras Incompletas* collection, by Autêntica Publishing. In the classical tradition, the translator seeks to meet the impossible expectation of universality and neutrality regarding the original text, concealing themselves as an interpreting subject. With the deconstructive shift, the translator, faced with the impossibility of neutrality in their work, is understood as a co-producer of meaning and thus implicated in the process. In conclusion, the translation work generates theoretical and clinical implications in psychoanalytic reading, and the versions of *Trieb* as "instinct" or "pulsion" make this clear. Thus, it is suggested that both translators and readers remain attentive and aware in their reading of the implications and issues that run through Freud's versions, remaining open to the multiplicities of editions as possibilities for meaning and to the polysemy of the text.

Keywords: Psychoanalysis. Translation. Deconstruction.

Ninguém educa ninguém, ninguém educa a si mesmo,
os homens se educam entre si, mediatizados pelo
mundo.

Paulo Freire

INTRODUÇÃO

A primeira edição das Obras Completas de Sigmund Freud em português brasileiro chegou ao Brasil em meados da década de 1950, conforme Mariangela Bracco (2011). Desde então, já se passaram mais de setenta anos e múltiplos “Freud à brasileira” foram criados, com certos vocabulários, jargões e preferências terminológicas. Por décadas, a editora Imago possuía o domínio das obras freudianas no Brasil, mas sua entrada em domínio público em 2010 possibilitou que outras editoras publicassem novas traduções. As editoras Companhia das Letras, L&PM Edições e a Autêntica foram algumas dessas (Bracco, 2011; Tavares, 2011b).

Na literatura sobre o tema, é frequente encontrar tradutores de Freud ressaltando a dificuldade desse ofício. Afinal, além da complexidade teórica, o psicanalista escreveu como um verdadeiro artesão das palavras, elogiado e premiado por suas qualidades estéticas e literárias. Mas, ao tratar da história das traduções freudianas, essa não é apenas uma característica curiosa; ela também é atravessada por interesses particulares de determinados contextos históricos e produz efeitos diretos nos modos de compreender e fazer psicanálise. A herança material, intelectual e textual de Sigmund Freud, mesmo durante sua vida, foi alvo de disputa entre autores que almejaram assumir o poder de ditar a intencionalidade do autor, isto é, determinar o que o autor quis dizer (Tavares, 2011b).

A querela tradutória gera debates, oposições e conflitos entre psicanalistas e orientações teóricas. No Brasil, tal história possui suas especificidades devido à forma como o texto em português chegou ao país: as primeiras edições foram retraduições da coleção espanhola, francesa e/ou inglesa (Souza, 2010). Ainda hoje, essa discussão, já antiga, sobre as implicações teóricas a partir da leitura de um ou outro tradutor permanece aberta. Para Mezan (2014, p. 41), estudar os contextos pode ser

uma “vacina contra o dogmatismo”. Estudar as conjunturas contextuais dessa querela pode ser uma vacina contra o dogmatismo.

Tanto o pesquisador em Psicanálise – aquele que, nos moldes universitários, aprende e investiga “sobre a psicanálise”, sobre seus textos e afins – quanto aqueles que almejam se tornar psicanalistas – em que a travessia é “a partir da Psicanálise”, com análise pessoal, supervisão e estudo teórico (Freud, 1996 [1919]) – utilizam os textos de Sigmund Freud como fundamento. Em um momento inicial de seus estudos, ambos se deparam com a pergunta: como ler Freud? O leitor desinteressado pode folhear as páginas sem compromisso, mas aquele que toma a Psicanálise como objeto de estudo e fundamento a lê rigorosamente.

Não há somente um modo de ler esse autor, tampouco há um único modo de leitura. Ler não é um processo natural, transparente, padronizado e ingênuo. Um bom leitor/pesquisador deve ter rigor e clareza sobre qual pressuposto de leitura o guia, sem cair na armadilha de uma leitura supostamente arbitrária ou intuitiva (Lang; Barbosa, 2012). Essa leitura rigorosa exige atenção ao texto e aos contextos, contexturas. Nisso, incluem-se as histórias das diversas versões de Sigmund Freud.

O presente artigo realiza uma discussão sobre pressupostos de ler, interpretar e traduzir para, posteriormente, realizar uma releitura da querela das traduções freudianas, com o foco nas brasileiras. Para isso, apresenta-se um recorte histórico do primeiro grande trabalho de tradução e edição dos textos freudianos por James Strachey: *The Standard Edition of the Complete Psychological Works of Sigmund Freud*. Depois, foca-se nos volumes brasileiros de antes e depois de 2010. O ditado italiano é sagaz: *traduttore-traditore*, tradução é traição; mas não seria, também, renovação? Algo se perde, mas o que se ganha de novo a cada nova versão?

LEITURA CLÁSSICA: O TRADUTOR MENSAGEIRO

Em latim, *textum* significa “tecer”, “entrelaçamento” e *textus* significa “texto”, “tecido”. Diferentes pressupostos podem guiar um leitor nos modos de ler, interpretar e traduzir esse extenso tecido entrelaçado por palavras. O pressuposto da leitura clássica, da tradição milenar ocidental, transmitida nas classes por gerações ao longo dos séculos, tem uma preocupação primordial com o sentido do texto. Ler trata-se de

descobrir o sentido textual, que estaria escondido, oculto nas entrelinhas. Supõe-se que o autor, ao escrever, inscreve nas linhas o sentido que intenciona com aquele texto. Por isso, ler é questionar “o que o autor quis dizer com isso?”. O sentido já existiria antes do ato de escrever, sendo externo ao texto propriamente dito e pertencente ao autor. Portanto, o leitor clássico almeja desvendá-lo no ato de interpretação (Arrojo, 1992; Figueiredo, 1999; Correia; Xavier; Lang, 2021).

A interpretação clássica é a tentativa de desvendar as intenções autorais de escrita. O leitor clássico é um intérprete. Ao descobrir o sentido correto do texto, deve preservá-lo para transmiti-lo a um terceiro, reproduzi-lo com exatidão e fidedignidade, interpretando-o. É, portanto, receptor e transmissor de informações, um “porta-voz” do autor, já que este não está presente para dizer ele mesmo o que quer dizer. Nessa concepção, o mestre é aquele que verdadeiramente sabe o significado do texto e assim o transmite (Arrojo, 1992; Figueiredo, 1999).

A subjetividade, a história e todo o contexto cultural de leitura são irrelevantes e até mesmo desautorizadas, sendo vistos como prejudiciais à interpretação, idealmente neutra. A compreensão do leitor é autorizada apenas de modo secundário: primeiro, apreender e transmitir as intenções do autor (interpretar), depois, pode-se falar algo novo (Arrojo, 1992; Figueiredo, 1999). Supõe-se que o sentido textual clássico seja uno e verdadeiro. Não há alteridade e qualquer outra significância é desautorizada, errônea. Somente a refutação inverte a ordem do significado correto/errado, quando se convence que uma significância errada era, desde sempre, correta; em seu oposto, a anteriormente tida como correta é, agora, refutada (Rajagopalan, 1992).

Traduzir também caminha nesse sentido. A metáfora tradicional do tradutor como aquele que navega e conduz uma mensagem entre as margens de um rio revela o seu lugar de intermédio. Traduzir é transportar, é uma travessia; o tradutor é o mensageiro fiel entre os idiomas de partida e de chegada. É quem domina ambos os idiomas, capaz de conservar o significado do texto e transferi-lo para a nova versão, mantendo-o o mais intacto possível (Arrojo, 1992). O tradutor re-apresenta o sentido das intenções autorais em outro texto (Rajagopalan, 1992).

Por isso, seu trabalho deve almejar a tradução perfeita e ser a mais fiel em transmitir às intenções autorais do original. Esse é o critério que avaliará o seu

trabalho como mais ou menos correto (Rajagopalan, 1992). Para isso, o tradutor deve evitar contradições, ambiguidades, polissemias, equívocos de todas as ordens; deve reduzir os traços de subjetividade a fim de não interferir na neutralidade do seu trabalho. A boa tradução clássica, idealmente, não transparece os rastros de sua travessia em relação ao texto original. O original é uma autoridade superior diante da tradução (Arrojo, 1992; Figueiredo, 1999). Daí o provérbio italiano: *traduttore, traditore*. O tradutor clássico trai a expectativa clássica de atravessar uma mensagem entre duas línguas sem perdas semânticas (Arrojo, 1992; Cassin, 2022).

Autores como Arrojo (1992), Rajagopalan (1992) e Figueiredo (1999) são críticos das leituras que reduzem as possibilidades de novas interpretações produzidas pelos leitores. Para Arrojo (1992), o ideal clássico de encontrar e reproduzir um significado universal e atemporal está fadado à frustração. Afinal, desconsidera a subjetividade e a linguagem, aspectos complexos e intrínsecos a toda atividade humana. A autora defende que o significado produzido em uma leitura – atividade humana e, portanto, atravessada por subjetividade – é sempre algo “produzido”, não “encontrado”; é sempre mutável e finito. Não é sustentável criar e reproduzir uma leitura, interpretação e tradução que sejam unânimes e inquestionáveis ao longo do tempo, independentes dos contextos. Barbara Cassin (2022,) crítica todo ideal de universalidade, alegando que o “universal” é sempre de um grupo e produz a exclusão da alteridade.

Arrojo (1992) também critica o pressuposto tradicional que desconsidera o tradutor enquanto um sujeito interpretante, oculta e invisibiliza o seu trabalho e assinatura diante da hierarquia do original. Para a autora, ler, interpretar e traduzir é sempre um trabalho atravessado pela subjetividade do leitor. Por isso, todo trabalho tradutório implica inevitavelmente em perdas semânticas, deixa um rastro e resto semântico pelo caminho da travessia. Mas gera, também, algo novo (Arrojo, 1992).

LEITURA DESCONSTRUTIVA: O TRADUTOR COAUTOR

O pressuposto de leitura próxima, atenta e desconstrutiva (Figueiredo, 1999) tem na Desconstrução de Jacques Derrida¹ um de seus grandes arcaibouços metodológicos. A leitura atenta e desconstrutiva se debruça sobre e realça os elementos desconsiderados e marginalizados pela leitura clássica, abrindo-se ao que ela fecha. É transgressora diante das proteções e defesas tradicionais; define seus limites a partir da diferença e da alteridade (Figueiredo, 1999).

Escrever sobre a desconstrução derridiana é um desafio complexo; sempre haverá algo mais a ser dito. Isso levou o próprio Derrida (1998 [1987]) e autores como Meneses (2013) a definir o que a desconstrução não é mais do que o que a desconstrução é. Defini-la é complexo, pois, toda definição, predicados, conceitos, significações e articulações são “desconstruíveis” (Derrida, 1998 [1987], p. 23), já que são formados por significantes por si só destituídos de significado, logo, passíveis de substituição e de suplemento (Correia; Xavier; Lang, 2021). É possível articular “desconstrução” de alguns modos: estratégia de leitura (Figueiredo, 1999); leitura-releitura-reescritura (Meneses, 2013) ou atitude desconstrutiva (Correia; Xavier; Lang, 2021).

Desconstrução refere-se, também, a uma leitura rigorosa de decomposição e dessedimentação de estruturas construídas e consolidadas, decompondo o modo como um “conjunto” foi construído ao longo da História. Tal processo de decomposição é simultaneamente uma produção, conforme Derrida (1998 [1987]). O neologismo derridiano *déconstruction* não tem o mesmo sentido que “destruir” ou “aniquilar”, mas sim o de compreender como se construiu determinado conjunto ou discurso para decompô-lo, recompô-lo, reconstruí-lo (Derrida, 1998 [1987]).

Ler com uma atitude desconstrutiva implica atentar-se a uma “estruturalidade da estrutura” estabelecida ao decorrer da História, suas sistematizações e unicidades, oposições e binarismos. É suspeitar, duvidar, mapear, pôr em evidência e reconstruir ideias que se constituíram, de modo contingente, em determinado sistema naturalizado; é negar tal naturalização, ao pressupor não haver verdade preexistente ou externa ao texto (Derrida, 2017 [1967]; Correia; Xavier; Lang, 2021).

¹ Jacques Derrida [1930-2004], filósofo franco-argelino, desenvolveu o conceito de Desconstrução ao longo de diferentes trabalhos, entre eles *A escritura e a diferença* (2011 [1967]) e *Gramatologia* (Derrida, 2017 [1967]).

Derrida (2017 [1967]) destacou seu desinteresse pelas intenções do autor, tão centrais e fundamentais à leitura clássica, tampouco determinar se as intenções foram boas ou más. Arrojo (1992) salienta que a proposta desconstrutiva remete sempre à leitura e ao texto, partindo do pressuposto de que não há realidade nem significado externo e anterior à interpretação, fora do texto e independente do leitor. Não há realidade senão a criada na e pela linguagem, conforme a autora.

Il n'y a pas de hors-texte, não há fora-texto; esse é o princípio revolucionário da desconstrução. Lang e Barbosa (2012, p. 93) formulam: “nada há além do texto, que não seja, já ou ainda, texto”. O sentido textual é construído a partir, durante e depois de uma leitura, como seu resultado; é uma construção da relação pesquisador-texto, no intertexto. Ler é um processo ativo e relacional. É o processo de leitura que constitui o leitor enquanto tal. Nesse sentido, propõem-se leituras que visem provocar efeitos no leitor (Figueiredo, 1999; Correia; Xavier; Lang, 2021).

A interpretação desconstrutiva remete a acréscimo, ampliação e alargamento de significados a partir de novas compreensões. Por isso, o leitor é uma condição de possibilidade do sentido, está autorizado. Cada leitura é uma escritura, conforme Figueiredo (1999), Correia, Xavier e Lang (2021). Certamente, defender novas produções de sentidos não é defender qualquer produção, aleatória ou intuitiva (Arrojo, 1992). A figura do autor, o texto e a comunidade dialógica são reguladoras e margens de limitação e não é todo e qualquer acréscimo de sentido que será aceito pela comunidade dialógica (Grigoletto, 1992; Rajagopalan, 1992). As possibilidades estão dentro, também, das limitações do texto. Portanto, o leitor desconstrutivo não é onipotente nem autoritário, mas atento e advertido.

Nesse sentido, a tradução se desloca da ordem da intermediação para a ordem da criação, em concordância com Cassin (2022). Essa autora defende que, nesse pressuposto, o trabalho tradutório compreende que existe uma incapacidade de manter equivalências exatas entre línguas, uma impossibilidade não do tradutor, mas da linguagem. Por isso, Cassin (2022, p. 24) nomeou como “intraduzível” aquilo que, na língua, “[...] não se cessa de (não) traduzir”. Os termos intraduzíveis não são necessariamente obstáculos; ao contrário, possibilitam novas produções e criam um movimento constante de novas traduções (Cassin, 2022).

A visada desconstrutiva abre margem para que ter mais uma forma de se traduzir

um texto não seja um obstáculo. Também, abre margem para compreender que tradução é a perspectiva de pelo menos um sujeito interpretante, que decide por um termo ao invés de outro. Tais decisões textuais são, também, contextuais, fruto de circunstâncias e interesses, de uma ética (Cassin, 2022). O texto traduzido é fruto de um constante movimento de decisão, seleção e exclusão: “ler, compreender, interpretar e traduzir são atos decisivos, que fazem incisões e cortes” (Correia; Xavier; Lang, 2021, p. 27). Assim, a leitura interpretante do tradutor é considerada e explicitada; o leitor é advertido dessa assinatura (Arrojo, 1992; Correia; Xavier; Lang, 2021). Para Cassin (2022, p. 76), tradutores são “coprodutores de sentido”, “coautores”.

VERSÕES DE FREUD: *THE STANDARD EDITION*

A coleção *The Standard Edition of the Complete Psychological Works of Sigmund Freud* (SE), publicada entre 1955 e 1974 na Inglaterra, foi o primeiro grande projeto de tradução dos textos freudianos. Coordenado por Ernest Jones, o projeto versou a *Gesammelte Werke*² (GW) para a língua inglesa pelo trabalho de James Strachey, com colaborações de Alix Strachey e Anna Freud (Roudinesco; Plon, 1998).

Autores como Roudinesco e Plon (1998), Souza (2010), Tavares (2011b) e Bracco (2011) narram que esse foi um importante projeto de compilação, visto que as traduções inglesas das publicações freudianas que existiam até então estavam dispersas e desorganizadas entre diversas editoras. Eram textos discordantes entre si, possuíam autorias diferentes e, por vezes, continham erros simples e graves de tradução. Daí a importância inaugural da SE. em compilar e revisar esses trabalhos já existentes, traduzir títulos inéditos e organizar as publicações em Obras Completas, unificando um conjunto de textos e ordenando cronologicamente.

James Strachey dedicou-se a esse extenso trabalho de organizar e traduzir e, por isso, é reconhecido e elogiado até hoje pela comunidade psicanalítica. O britânico produziu um aparato editorial com novas introduções, comentários e notas

² *Gesammelte Werke* é a coleção alemã das Obras Completas/Obras Reunidas de Sigmund Freud, publicada pela editora Imago Publishing Company, em Londres, entre os anos 1940 e 1952. Posteriormente, a editora Fischer, de Frankfurt, assumiu essa coleção (Souza, 2010).

explicativas (as notas do tradutor inglês), mantidas em coleções de diferentes países até hoje (Bracco, 2011; Roudinesco; Plon, 1998; Souza, 2010; Tavares, 2011b).

Esse projeto também foi fundamental para sobrevivência e propagação da Psicanálise no contexto da Segunda Guerra Mundial, em que a teoria, seus textos e os próprios psicanalistas foram violentamente perseguidos pelos nazistas; muitos se exilaram em Londres. A iniciativa de preservar o acervo freudiano era urgente. Assim, a *Imago Publishing Company* foi fundada em Londres e garantiu a preservação da *Gesammelte Werke* (Bracco, 2011).

No pós-guerra, a coleção produzida por Jones e Strachey se popularizou. Tornou-se mais influente e conhecida entre os leitores, até mesmo em relação à coleção alemã. Tornou-se uma edição hegemônica. No entanto, na década de 1970 e 1980, irrompem críticas a até então inquestionável coleção (Bracco, 2011; Tavares, 2011). Lewis W. Brandt (1961), Bruno Bettelheim (1994 [1982]) e Jacques Lacan foram críticos pioneiros e denunciaram as drásticas alterações textuais entre a versão inglesa e a alemã no tocante ao estilo e ao vocabulário, alterações destoantes, arbitrárias e injustificáveis com impactantes implicações teóricas.

Para Brandt (1961) e Bettelheim (1994 [1982]), o vocabulário e estilo textual de Freud e de Strachey estavam em universos semânticos distantes. O estilo fluente da escrita de Freud, com variância e poética, tornou-se, com Jones e Strachey, um texto excessivamente direto, objetivo, uniformizado. Também adquire um forte teor cientificista, tecnicista e médico-biológico, destoante do texto alemão. Segundo o autor brasileiro Heliodoro Tavares (2011b), a escrita fluida de Freud e a teoria construída gradualmente foram substituídas por uma padronização terminológica psicanalítica criada pelos britânicos, a qual se estabeleceu como padrão internacional no linguajar psicanalítico. Se *Standard* significa “modelo”, “padrão”, houve uma “*standardização* de Freud” pela terminologia inglesa (Tavares, 2011b, p. 51).

Bettelheim (1994 [1982]), um dos autores exilados no contexto da guerra, relatou que ler o texto alemão e o texto em inglês produzia efeitos drasticamente distintos nos leitores, produzindo associações e conclusões destoantes, por vezes até contrastantes e excludentes. Ler Freud, em alemão, produzia uma postura de implicação e reflexão, um convite a olhar para si e para o próprio inconsciente, sonhos e desejos, compreendendo-se enquanto sujeito do inconsciente. Ler a versão inglesa,

por sua vez, direcionava o leitor a uma postura/atitude distante, a olhar somente para o outro como objeto de estudo, a uma teoria abstrata (Bettelheim, 1994 [1982]).

Bettelheim (1994 [1982]) e Brandt (1961) advertiram acerca de algumas adições, substituições e/ou supressões que ignoravam ou simplesmente anulavam termos e trechos fundamentais presentes em artigos e livros de Freud. Ambos alegaram que os ingleses produziram cortes quem reduziam e apagavam drasticamente o teor metafórico, literário, poético e filosófico existente no texto, bem como o teor afetivo e íntimo. Até mesmo os elementos de humor, chistes e ironias presentes no texto foram suprimidos. Termos ainda em desenvolvimento foram objetivamente definidos, atribuindo clareza e certeza a conceitos ainda imprecisos. Além disso, criaram conceitos que não existiam na leitura alemã (Bettelheim, 1994 [1982]; Brandt, 1961).

Um dos casos mais problematizados foi o modo de verter o conceito *Trieb* para *instinct* (em português, instinto). O caso *Trieb* é uma das problemáticas mais importantes na querela das traduções freudianas, ao assumir versões que produzem importantes impactos na teoria e na prática clínica psicanalítica. Para Tavares (2013), os destinos desse vocábulo foram tão múltiplos quanto seus destinos conceituais.

O retorno a Freud de Lacan pode ser compreendido como uma posição crítica diante o afastamento dos psicanalistas pós-freudianos em relação às formulações freudianas; os psicanalistas já não liam mais Freud. Decorridos alguns anos, havia se formado uma “aversão do interesse pelas funções da fala e pelo campo da linguagem”, a qual levou às “mudanças de objetivo e de técnica” (Lacan, 1998 [1953], p. 243).

Como efeito das críticas, formou-se um cenário de atenção e suspeita sobre as implicações teórico-clínicas advindas da leitura de uma tradução. O debate ganhou destaque em vários países, tornou-se objeto de pesquisa em diferentes áreas de saber, investigado tanto pelas instituições psicanalíticas quanto no ambiente universitário. Posteriormente, como efeito, iniciou-se um movimento simultâneo de re-traduzir Freud para diversos idiomas, em vários países.

Novas traduções foram realizadas tomando os escritos em alemão como fonte. A exemplo, Luis Lopez-Ballesteros y Torres versou a *Die Gesammelten Schriften*³

³ Os “Escritos Reunidos”, publicada entre 1924 e 1928 pela Editora Psicanalítica Internacional, em Viena.

para o espanhol pela Editora Nueva; a Argentina ganhou a versão espanhola por José Luis Etcheverry pela Editora Amorrortu, ambas elogiadas até hoje e importantes na história da psicanálise brasileira (Bracco, 2011).

FREUD: VERSÕES BRASILEIRAS

A primeira coleção de *Obras Completas de Sigmund Freud* foi publicada no Brasil pela Editora Delta, no final da década de 1950. Segundo Mariangela Bracco (2011), médicos do Rio de Janeiro retraduziram o trabalho de Luis López-Ballesteros do espanhol para o português, cotejando alguns trabalhos em francês, dando origem a tal coleção. A Delta também incluiu alguns textos traduzidos diretamente do alemão pelo psiquiatra Odilon Gallotti, na década de 1930. Essa coleção foi “praticamente relegada ao esquecimento” e preterida em relação à coleção *Standard*, que chegava ao Brasil (Bracco, 2011, p. 261).

A Edição *Standard* Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud (*ESB*) (1974) foi publicada pela Editora Imago na década de 1970, em 24 volumes. Esta era uma retradução em português brasileiro a partir da edição *Standard* inglesa (*SE*). Jayme Salomão, diretor-geral de tradução, reproduziu o aparato editorial, as introduções, notas e comentários de Strachey (Tavares, 2011b). Ou seja, as duas primeiras coleções brasileiras de Sigmund Freud foram uma tradução de outra tradução.

A *ESB* herdou a influência da edição inglesa, mas não tardou a herdar as suas críticas. Marilene Carone e Paulo César de Souza foram pioneiros em criticá-la. Os autores, publicaram uma sucessão de artigos⁴ entre 1985 e 1987 que apresentavam os erros gramaticais crassos entre os idiomas, algumas distorções, supressões e denunciando a falta de rigor terminológico e estilístico, além da falta de padronização presentes na *ESB*. Para Carone (1990 [1985], p. 161), a versão brasileira foi “muito, muito pior” que a britânica dada a quantidade de erros. Também, julgou ser uma versão que não fez jus nem ao estilo de Strachey, nem ao de Freud e tampouco

⁴ Atualmente, os artigos de Paulo C. de Souza e Marilene Carone, originalmente publicados no caderno *Folhetim*, da *Folha de S. Paulo*, podem ser encontrados no livro *Sigmund Freud e o gabinete do Dr. Lacan*, publicado pela editora Brasiliense em janeiro de 1990.

estabeleceu um próprio estilo. Posteriormente, em 1996, a *ESB* foi revisada e republicada, chegando a seu formato atual.

Na década de 1980, o cenário de suspeita e questionamento às traduções freudianas também foi crescente no Brasil. Por anos, os leitores brasileiros recorriam aos originais (*Gesammelten Werke* ou *Studienausgabe*) ou às versões em espanhol citadas anteriormente. Grupos e escolas de Psicanálise passaram a circular traduções não oficiais em seu próprio meio (Souza, 2010). Como resposta às críticas, a própria editora Imago produziu uma revisão e republicou a *ESB* em 1987, com as devidas correções (Bracco, 2011). A editora também publicou uma versão diretamente do alemão sob a coordenação-geral de tradução de Luiz Alberto Hanns: *Obras Psicológicas de Sigmund Freud – Escritos sobre a Psicologia do Inconsciente*, que gerou somente três volumes entre 2004 e 2007.

A entrada da obra freudiana em domínio público em 2010 carregou consigo a possibilidade de renovação e a promessa por um “novo Freud”. Nesse período, três editoras iniciaram, simultaneamente, projetos de tradução dos escritos de Sigmund Freud tendo como texto-fonte as coleções alemãs. Tavares (2011b) considera um momento raro na história: três estados de um mesmo país (Rio de Janeiro, São Paulo e Rio Grande do Sul) traduzindo o mesmo autor ao mesmo tempo.

A L&PM Editores publicou alguns títulos avulsos pelo tradutor Renato Zwick, como edições de bolso. Uma tradução elogiada que segue sendo vendida e lida até hoje. Mas a grande aposta dos estudiosos da Psicanálise foi a coleção *Obras Completas de Sigmund Freud (OCSF)*, publicada pela Editora Companhia das Letras, na coordenação-geral de tradução de Paulo César de Souza, prometida em 20 volumes. O seu trabalho já era reconhecido na comunidade psicanalítica brasileira, visto que ele já traduzia Freud desde a década de 1980, com textos por vezes publicados em periódicos da Sociedade Brasileira de Psicanálise (Souza, 2010). Sua coleção foi recebida com entusiasmo (Bracco, 2011), e Estêvão (2012) até supôs que essa substituiria o lugar predominante ocupado pela Imago.

Em um cenário de boas-vindas a esse novo Freud, mas também de resistências e adaptações (Bracco, 2011), um novo projeto foi inaugurado em 2013 pela Editora Autêntica: a coleção *Obras Incompletas de Sigmund Freud (OISF)*, coordenada pelos psicanalistas Pedro Heliodoro Tavares (tradutor) e Gilson Iannini (editor), com uma

ampla equipe multidisciplinar. Esses dois últimos projetos utilizam coleções alemães como texto-fonte, como explicitam em seus volumes.

ENTRE OBRAS COMPLETAS E INCOMPLETAS: DUAS RELEITURAS DE *TRIEB*

A partir de 2013, duas grandes coleções passam a compartilhar as principais prateleiras das livrarias brasileiras como alternativas aos leitores: Obras Completas e Obras Incompletas de Sigmund Freud. A diferença entre ambas já está na decisão por um viés de “completude” ou “incompletude”. Para Figueiredo (1999), a apreensão do texto enquanto “obra” é uma construção que possui critérios de seleção e exclusão definidos *a posteriori*; por isso, uma coleção de “obras completas” de um autor não abarca necessariamente todas as suas publicações.

O tópico “Esta Edição”, presente em todos os volumes da OCSF, apresenta os critérios de seleção do projeto: incluem as publicações consideradas pré-psicanalíticas e psicanalíticas e dispensam aquelas consideradas não-psicanalíticas (textos sobre neurologia e anteriores à criação da Psicanálise). Opta por manter as intenções e decisões do próprio autor, visto que Freud também as dispensou na primeira edição alemã de suas obras completas (Souza, 2011).

Essa coletânea é organizada de modo clássico, sistemático e cronológico. Souza (2011, p. 10) é claro sobre o objetivo da edição em “[...] oferecer os textos com o máximo de fidelidade ao original, sem interpretações ou interferências de comentaristas e teóricos [...]”. Cada capítulo é padronizado: título, referência bibliográfica da primeira publicação, ano da publicação e redação. O tradutor pouco aparece, se restringindo a informar sobre algum termo ou passagem que precise de contextualização ou justificativa.

Souza (2011) não pretende que suas decisões sobre os termos técnicos sejam a absoluta ou definitiva, suas escolhas priorizam as palavras que lhe pareçam menos insatisfatórias entre as línguas. A aproximação desse tradutor com Freud não é pela transferência com a psicanálise ou com os psicanalistas, mas pelo interesse na literatura freudiana; assim, ele registra que traduz para todos os interessados em ler Freud. Aos psicanalistas que possuem outra preferência terminológica, sugere que segam com tais preferências, substituindo individualmente um termo por outro: “cada

qual ‘seja feliz à sua maneira’, como disse aquele famoso rei da Prússia, citado por Freud”, escreve (Souza, 2011, p. 12).

Nesses pontos, a próxima coleção se diferencia, a começar pela própria intitulação como *Obras Incompletas* e ao organizar-se por temáticas e não pelo viés cronológico. Em novembro de 2013, a OISF é inaugurada com a publicação de um texto tido como não-psicanalítico, desconsiderado pelo cânone e inédito no país: *Sobre a concepção das afasias* (Freud, 2013 [1891]), pelo trabalho tradutório de Emiliano de Brito Rossi. Iannini e Tavares (2013) interrogam criticamente tal exclusão do escopo psicanalítico: não haveria ali sementes da teoria freudiana? Ao mesmo tempo, publicaram *As pulsões e seus destinos* (Freud, 2013 [1915]) e, em novembro do ano seguinte, *Compêndio de psicanálise e outros escritos inacabados* (Freud, 2014 [1940]). Essas últimas são edições bilíngues. Os três volumes inaugurais expõem o enquadre terminológico, epistemológico e político dessa coletânea.

Os seus volumes não possuem uma estética padronizada, são diferentes: algumas são bilíngues, algumas possuem ensaios dos tradutores e comentaristas, entre outras características. Além disso, criaram compilações inéditas no Brasil, como *Arte, literatura e os artistas* (Freud, 2015), lançado a partir do trabalho de Ernani Chaves, e *Amor, sexualidade, feminilidade* (Freud, 2018), traduzido por Maria Rita Salzano Moraes. Em cada volume, o tradutor e o editor aparecem com frequência em notas de rodapé, em ensaios presentes no volume e cada título é acompanhado por uma longa nota contextualizando-o. A assinatura freudiana aparece acompanhada de várias outras assinaturas brasileiras, que são participantes da ampla equipe editorial.

Os modos de verter *Trieb* escancara a diferenciação entre ambas as coleções: “instinto” e “pulsão”. *Trieb* é um termo complexo: primeiro, a palavra alemã é tão versátil e dúbia que Freud (2013 [1915], p. 225) julgava ser “[...] uma palavra pela qual muitos idiomas modernos nos invejam”; segundo, pelo fato de o conceito ser obscuro enquanto o autor o formulava. Há críticas sobre como essa tradução produz um redirecionamento do conceito para universos léxico-semânticos distintos; porém, considerando os limites deste trabalho, esta análise será apresentada brevemente, o suficiente para seguirmos dialogando sobre as edições brasileiras, e não se estenderá muito além dessa constatação: as OCSF assumem o termo “instinto” e as OISF assumem “pulsão”.

A terminologia “instinto” é uma herança inglesa de Strachey. Já “pulsão” é uma herança europeia (Souza, 2010; Tavares, 2011b;). Lacan propôs a nova terminologia para verter o termo alemão: *Pulsion* (pulsão). O psicanalista francês não criou esse termo, mas foi quem o trouxe para a leitura psicanalítica, dando-lhe um novo sentido conceitual, difundindo-o no vocabulário psicanalítico (Tavares, 2011a). *Pulsion* foi adotado pela coleção francesa *Œuvres Complètes* e por dicionários psicanalíticos franceses (Roudinesco; Plon, 1998; Laplanche; Pontalis, 2001 [1988]); também foi acatado pela tradução castelhana de Etcheverry (*Pulsión*) e pela italiana de Musatti (*Pulsione*). Desse modo, criaram-se duas vertentes terminológicas sobre o termo que se manifestam em edições, entre os diversos idiomas.

Paulo C. Souza vai na contramão do debate vigente e das críticas de leitura lacaniana e opta por “instinto”. Para Tavares (2011a, p. 387), essa escolha por “instinto” é “o aspecto mais marcante da tradução de Strachey”. Pedro Fernandez de Souza, crítico do uso “pulsão” em textos freudianos, defende que essa decisão tradutória é uma fraqueza, pois o termo francês seria “esotérico”, “obsoleto”, um “arcaísmo”, e um “neologismo no Brasil” e Freud “jamais ou raramente se serviu de arcaísmos”, visto que optava por termos coloquiais e *Trieb* assim o era (Souza, 2022, p. 327).

Se Paulo C. Souza decide por “instinto”, não o faz sem ressalvas e críticas, pois conhece a gama de discussões sobre o termo e seus pontos de insuficiências, como explana em *As palavras de Freud* (Souza, 2010), mas acredita haver ganhos e perdas tanto para um termo quanto para outro. Sua decisão tem um critério: o compromisso com a língua portuguesa e a língua alemã. Advindo das Letras, tão ligado às Artes e às Humanidades, Paulo C. Souza preocupa-se em encontrar as boas palavras que se adequem ao idioma brasileiro, utilizado na cultura. Souza (2010) prefere encontrar a melhor aproximação linguística e cultural entre o uso de Freud e o vocabulário português; por vezes, recorre à literatura brasileira e aos romances para encontrar a melhor palavra. Sua aproximação com o psicanalista é pela via da linguagem, da literatura e da prosa freudiana, mais do que pela teoria e clínica psicanalítica, a qual pouco se interessa, como ele mesmo confessa (Souza, 2010).

Para Souza (2010), os ganhos em usar “instinto” são maiores do que as perdas. Incomoda-se com o neologismo francês em um texto de língua portuguesa, visto que

essa palavra é tão pouco utilizada no linguajar comum dos brasileiros e causa estranheza ao leitor não familiarizado com a teoria psicanalítica. Considera que “pulsão” se tornou um jargão psicanalítico, utilizado somente nesse contexto teórico. Instinto, por sua vez, é mais conhecido, falado popularmente e produz mais associações. Sua rede semântica é mais rica para os brasileiros (Souza, 2010).

O tradutor, no entanto, não adota “instinto” com a invariabilidade e a padronização que havia na *SE* e na *EBS*. Por exemplo, já utilizou “impulso de olhar” (*Schautrieb*), “impulso de saber” (*Wisstrieb*) e “impulsivo” (*Triebhaft*). Inclusive, criticou a padronização clássica sobre a escrita freudiana, que estava longe de ser tão estável. Para Souza (2010), toda e qualquer tradução freudiana não é e não pode ser definitiva. Ele enfatiza a impossibilidade de estabelecer uma linguagem rigidamente padronizada, com conceitos rigidamente nítidos e definidos na prosa freudiana. Sugere que a tradução de Freud deve ser caracterizada por uma atitude poético-científica; recomenda que o tradutor considere os contextos semânticos ao decidir por um termo ou outro, ao invés de utilizar religiosamente uma única palavra. O trabalho é complexo: manter uma uniformidade, mas contemplar a polissemia e a abstração da linguagem alemã no texto (Souza, 2010).

Pode-se considerar, então, que sua decisão por “instinto” é mais um efeito da relação do tradutor com a língua de chegada do que uma preferência conceitual. Paulo C. Souza (OCSF) constrói um Freud escrito a partir das possibilidades da língua portuguesa, fruto de um trabalho do qual se detinha desde a década de 1980. Tavares (2011b, p. 114) foi crítico sobre tal posição de fidelidade à língua e à literariedade de Paulo C. Souza, alegou que o tradutor deixou a desejar para a comunidade psicanalítica brasileira devido às suas decisões por determinados conceitos-chave freudianos. Anos depois, Tavares tornou-se o coordenador de tradução da coleção *Obras Incompletas*, formulada por psicanalistas lacanianos.

Para Pedro Heliodoro Tavares (2011b), depois do retorno a Freud de Lacan, as edições inevitavelmente são “[...] ora *lacanianas*, ora *antilacanianas* de Freud, dos que *consagram* ou *rejeitam* Lacan” (Tavares, 2011b, p. 116, grifos do autor). Essa coleção funda-se pelo compromisso com a clínica, o que está representado nas lombadas de cada volume, que, unidos, formam o conhecido retrato do consultório de Freud. Esse compromisso aparece também, por exemplo, na decisão pelo título *Fundamentos da*

clínica, ao invés do tradicional *Escritos sobre a técnica*, expondo uma preocupação técnica e ética. Para Iannini e Tavares (2013, p. 169-17, grifos dos autores), a coleção OISF é “[...] atenta ao **uso** dos conceitos pela comunidade psicanalítica brasileira”, fundamentada em “uma ética pautada na clínica”, a qual considera que a importância terminológica e de estilo tem efeitos práticos, éticos, políticos e clínicos.

A escolha da coleção OISF por “pulsão” sustenta-se teoricamente pela leitura lacaniana, preocupada em aproximar o leitor do efeito de leitura causado pelo *Trieb*, negando a vertente biológica que há em “instinto”. Para Tavares (2013 [1915]), “pulsão” é uma opção satisfatória, que tem transferência com a teoria psicanalítica freudiana, a qual já foi aceita, consentida e difundida por diversos psicanalistas, autores e tradutores da comunidade psicanalítica brasileira. Para Gilson Iannini e Heliodoro Tavares (2013), em seu compromisso com as implicações clínicas, o fato de “instinto” ser uma palavra comum aos brasileiros não é um fator forte o suficiente para escolhê-lo em um texto freudiano, pois as associações desse termo são vinculadas a uma compreensão inata, hereditária, genética e normativa. Associações problemáticas para a leitura psicanalítica clínica; o tradutor freudiano não poderia desconsiderar as ressonâncias que o vocabulário manifesta na cultura, ainda segundo os autores supracitados (Iannini; Tavares, 2013).

Para Estêvão (2012), a decisão por “pulsão” é política e ética, mais do que técnica; demarca um posicionamento psicanalítico diante das implicações e ressonâncias no modo de compreender a teoria psicanalítica e, conseqüentemente, nos modos de compreender a cultura, o sujeito, a clínica e afins. Trata-se de se interrogar sobre quais são os benefícios e efeitos de cada termo para a teoria.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Se a tradição clássica secular ocidental atribuiu ao tradutor a impossível tarefa de se ocultar enquanto sujeito interpretante, com a guinada desconstrutiva há uma nova proposta: o tradutor se faz ser visto como figura de criação, autorizado a deixar-se em sua ativa atuação, realçando sua leitura e suas decisões, sem os ideais da universalidade e neutralidade. Nessa perspectiva, é interessante que o tradutor seja advertido de seus pressupostos e os explicitar; que sua postura esteja para além do

aprendizado dos idiomas, mas que esteja, desde o princípio, implicado em seu papel de coprodutor de sentidos, como é possível ponderar a partir da leitura de Arrojo (1992), Cassin (2002), Correia, Xavier e Lang (2021).

Se as expectativas clássicas idealizadas estão fadadas à frustração, não significa, necessariamente, que o trabalho de um tradutor também esteja fadado à frustração ou à insatisfação, em concordância com Cattaneo e Bornhauser (2019). O trabalho tradutório é finalizado e se materializa, é concretizado e seu produto é lido, por vezes sendo concordado ou contrariado; existe no mundo. Como Cassin (2022) afirma: uma boa tradução existe! As ruins também. Existem versões tradutórias melhores ou piores e, inclusive, mais de uma boa tradução do mesmo texto coexistindo; rigorosas, cuidadosas, atentas e detalhadas, ainda que distintas. Se *traduttore, tradittore*, se tradução implica uma traição, nem toda implicação é a mesma, é preciso interrogar-se: quais são as implicações de uma “traição” ou outra?

No viés desconstrutivo, o tradutor não precisa proteger tanto o texto de transformações no tocante à forma e ao estilo. Mas, ainda segue sendo fundamental que seu ofício pondere sobre as formas satisfatórias de traduzir e acolher os novos sentidos da obra estrangeira no novo idioma de chegada, reconhecendo as diferenças e a alteridade do/no texto. Pode-se pensar sobre algumas estratégias que alargam as polissemias: uso de notas de rodapé, prefácios, posfácios e outros recursos utilizados como rastros deixados pelo texto podem ser boas saídas. Nessa perspectiva, Cassin (2022, p. 39) nomeou tradução como “tradução-adaptação-reinvenção”, demarcando adaptações ao contexto e à língua.

Os elementos textuais não são aspectos superficiais, mas questões importantes no que concerne às consequências teóricas, técnicas, éticas, clínicas, sociais e políticas da teoria psicanalítica. Os modos de versar os textos freudianos acarretam diferentes modos de compreender a psicanálise, implicando, também, em formas de compreender a cultura, o sujeito, as psicopatologias e os tratamentos de cura advindos da leitura psicanalítica.

Diante da polissemia e da problemática do termo conceitual *Trieb*, é possível considerar que há pelo menos dois modos de ler essa história das versões, orientando o leitor para dois destinos possíveis: instinto ou pulsão. Mais-além disso, *Trieb* também pode ser admitido como um “intraduzível”: “[...] não o que não se traduz, mas

o que não se cessa de (não) traduzir” (Cassin, 2022, p. 24). A insuficiência de *Trieb* enquanto um intraduzível não aponta necessariamente para uma falha, para uma paralisação do texto, mas para uma produção constante, para um movimento constante de voltar a traduzir e retraduzir o intraduzível. Um intraduzível é uma abertura para a polissemia e à história das suas variâncias entre os idiomas.

Concorda-se com Junker (1999, p. 75) que, se “toda tradução é apenas uma versão” e “inevitavelmente uma interpretação”, é interessante abrir-se para a multiplicidade de trabalhos tradutórios de um mesmo autor e que um leitor tenha disponível o acesso a diferentes trabalhos, ampliando significados. Esse movimento mantém o texto vivo, desenvolvendo-se entre edições e suas circunstâncias. As versões brasileiras de Freud estão marcadas por decisões atravessadas por sujeitos atuantes e suas contexturas, que optam por um caminho ao invés de outro. A decisão é contextual, técnica, ética, política, interessada e influenciada por uma vertente ou outra de interpretação, conforme Estêvão (2012) também ressaltou.

As coleções brasileiras de *Obras Completas (OCSF)* e *Obras Incompletas (OISF)* de Sigmund Freud se distinguem nas formas de compreender o pressuposto de tradução e, também, a psicanálise. Respectivamente: uma produz uma ordenação clássica em obras completas, preocupada em melhor adaptar o estilo e vocabulário freudiano ao vocabulário português, sem compromisso com a leitura lacaniana e com os psicanalistas; a outra, explicitamente preocupada com o uso conceitual da comunidade psicanalítica brasileira, suas reverberações clínicas, técnicas e éticas, pautada em uma leitura lacaniana.

As decisões do tradutor produzem implicações e ressonâncias psicanalíticas fundamentais. Diante de duas coleções tão dedicadas e delicadas em seus trabalhos, ao leitor atento e rigoroso cabe estar advertido dessa teia de decisões, de atravessamentos históricos. Afinal, ao ler, o leitor identifica-se com o tradutor e supõe estar lendo o próprio autor, por vezes distraído dessa segunda assinatura, como Corsi (2020) bem destacou ao discutir as consequências na clínica psicanalítica a partir da escolha da leitura de um tradutor ou outro. Concorda-se com Cassin (2022, p. 161) que a multiplicidade permite que cada leitor e cada cultura possam preferir a melhor tradução, “a melhor para – para dar a entender isso, ou aquilo, de tal modo” a partir do interesse e do objetivo daquele leitor e/ou daquele grupo.

Ao adotarmos uma leitura clássica do texto freudiano, repetidamente nos questionamos sobre qual seria a tradução mais verdadeira, aquela que se aproximaria mais das intenções do autor Freud, e buscamos cometer menos equívocos. Ironicamente, essa pode ser justamente uma forma de nos equivocarmos. Para que não se navegue tão ingênuos nos mares textuais, aos que se debruçam sobre as letras freudianas, defende-se a ideia de que sejam leitores advertidos das inúmeras questões e problemáticas que perpassam seu texto, das diversas assinaturas que estão ao lado da freudiana.

REFERÊNCIAS

ARROJO, R. (org). **O signo desconstruído**: implicações para a tradução, a leitura e o ensino. 2. ed. Campinas, SP: Pontes, 1992.

BETTELHEIM, B. **Freud e a alma humana**. Tradução de Álvaro Cabral. São Paulo: Cultrix, 1994 [1982].

BRACCO, M. K. E finalmente Freud aprendeu a falar português. **Ide**, São Paulo, v. 34, n. 52, p. 260-267, ago. 2011. Disponível em: https://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?pid=S0101-31062011000100027&script=sci_arttext. Acesso em: 26 set. 2024.

BRANDT, L. W. Some notes on English Freudian terminology. **Journal of the American Psychoanalytic Association**, [s. l.], v. 9, n. 2, p. 331-339, 1961. Disponível em: <https://doi.org/10.1177/000306516100900206>. Acesso em: 12 dez. 2024.

CARONE, M. A edição brasileira de Freud: artigos de Marilene Carone e Paulo César de Souza. In: SOUZA, P. C. (org). **Sigmund Freud e o gabinete do Dr. Lacan**. Tradução de Isa Mara Lando e Paulo César de Souza. 2. ed. São Paulo: Brasiliense, 1990 [1985]. p. 155-190.

CASSIN, B. **Elogio da Tradução**: complicar o universal. Tradução de Daniel Falkemback e Simone Petry. São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2022.

CATTANEO, G.; BORNHAUSER, N. Traducir: Freud. **Revista Latinoamericana de Psicopatologia Fundamental**, São Paulo, v. 22, n. 2, p. 376-397, 2019. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/1415-4714.2019v22n2p376.12>. Acesso em 27 set. 2024.

CORREIA, A. C.; XAVIER, H. V.; LANG, C. E. Leitores Advertidos: Desconstrução, Psicanálise e Leituras do Retorno a Freud. **Tempo Psicanalítico**, Rio de Janeiro, v. 53, n. 2, p. 21-51, 2021. Disponível em:

<https://www.tempopsicanalitico.com.br/tempopsicanalitico/article/view/523>. Acesso em: 26 set. 2024.

CORSI, E. M. **Para além da interpretação britânica**: as traduções de Freud e suas consequências para a clínica psicanalítica. 2019. Tese (pós-graduação em estudos de tradução), Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2020.

DERRIDA, J. **A escritura e a diferença**. Tradução de Maria Beatriz Marques Nizza da Silva, Pedro Leite Lopes e Pérola de Carvalho. 2. ed. São Paulo: Perspectiva, 2011 [1967].

DERRIDA, J. Carta a um amigo japonês. *In*: OTTONI, P. (org). **Tradução**: a prática da diferença. Tradução de Érica Lima. Campinas, SP: Editora da Unicamp; FAPESP, 1998 [1987]. p. 19-25.

DERRIDA, J. **Gramatologia**. Tradução de Miriam Chnaiderman e Renato Janine Ribeiro. 2. ed. São Paulo: Perspectiva, Coleção Estudos, 2017 [1967].

ESTÊVÃO, I. R. Retorno à querela do Trieb: por uma tradução freudiana. **Cadernos de filosofia alemã: Crítica e Modernidade**, [s.l.], n. 19, p. 79-106, jan.-jun. 2012. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/filosofiaalema/article/view/64855/67471>. Acesso em: 27 set. 2024.

FIGUEIREDO, L. C. **Palavras cruzadas entre Freud e Ferenczi**. São Paulo: Escuta, 1999.

FREUD, S. **Obras Incompletas de Sigmund Freud**. 12 vols. Belo Horizonte: Autêntica, 2013-2023.

FREUD, S. **Obras Completas de Sigmund Freud**. 20 vols. São Paulo: Companhia das Letras, 2010-2018.

FREUD, S. **Amor, sexualidade, feminilidade**. Tradução de Maria Rita Salzano Moraes. Belo Horizonte: Autêntica, 2018. (Coleção Obras Incompletas de Sigmund Freud).

FREUD, S. **Arte, literatura e os artistas**. Tradução de Ernani Chaves. Belo Horizonte: Autêntica, 2015. (Coleção Obras Incompletas de Sigmund Freud).

FREUD, S. **Compêndio de psicanálise e outros escritos inacabados** [Edição Bilingue]. Tradução de Pedro Heliodoro Tavares. Belo Horizonte: Autêntica, 2014 [1940]. (Obras Incompletas de Sigmund Freud).

FREUD, S. **As pulsões e seus destinos** [Edição Bilingue]. Tradução de Pedro Heliodoro Tavares. Belo Horizonte: Autêntica, 2013 [1915]. v. 2. (Coleção Obras Incompletas de Sigmund Freud).

FREUD, S. **Sobre a concepção das afasias**: um estudo crítico. Tradução de Emiliano de Brito Rossi. Belo Horizonte: Autêntica, 2013 [1891]. v. 1. (Coleção Obras Incompletas de Sigmund Freud).

FREUD, S. Sobre o ensino da psicanálise nas universidades. *In*: FREUD, S. **Uma Neurose Infantil e Outros Trabalhos (1917-1918)**. Rio de Janeiro: Imago, 1996 [1919]. p. 217-220. v. 17. (Coleção Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud: Edição Standard Brasileira).

FREUD, S. **Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas De Sigmund**. 24 vols. Rio de Janeiro: Imago, 1974.

FREUD, S. **The Standard Edition of the Complete Psychological Works of Sigmund Freud**. 24 vols. Londres: The Hogarth Press, 1953-1974.

FREUD, S. **Obras Completas de Sigmund Freud**. 18 vols. Rio de Janeiro: Delta, 1950-1970.

GRIGOLETTO, M. A constituição do sentido em teorias de leitura e a perspectiva desconstrutivista. *In*: ARROJO, R. (org.) **O signo desconstruído**: implicações para a tradução, a leitura e o ensino. 2. ed. Campinas, SP: Pontes, 1992. p. 93-98.

IANNINI, G.; TAVARES, P. H. Obras Incompletas de Sigmund Freud. *In*: FREUD, S. **Sobre a concepção das afasias**: um estudo crítico. Tradução de Emiliano de Brito Rossi. Belo Horizonte: Autêntica, 2013. p. 167-169. (Coleção Obras Incompletas de Sigmund Freud).

JUNKER, H. A tradução padrão e a análise completa. *In*: ORNSTON, D. G. (org) **Traduzindo Freud**. Tradução de Cristina Serra. Rio de Janeiro: Imago, 1999. p. 74-89.

LACAN, J. Função de Campo da Fala e da Linguagem em psicanálise. *In*: LACAN, J. **Escritos**. Tradução de Vera Ribeiro. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1998. p. 238-324. Trabalho original publicado em 1953.

LANG, C. E.; BARBOSA, J. F. Pode-se utilizar a desconstrução na pesquisa teórica em psicanálise? **Cadernos de Pesquisa Interdisciplinar em Ciências Humanas**, Florianópolis, v. 13, n. 102, p. 75-99, 2012. Disponível em: <https://doi.org/10.5007/1984-8951.2012v13n102p75>. Acesso em: 27 set. 2024.

LAPLANCHE, J.; PONTALIS, J. B. **Vocabulário da psicanálise**. Tradução de Pedro Tamen. 4. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2001 [1988].

MENESES, R. D. A desconstrução em Jacques Derrida: o que é e o que não é pela estratégia. **Univ. philos**, Bogotá, v. 30, n. 60, p. 176-204, jan.-jun. 2013. Disponível em: http://www.scielo.org.co/scielo.php?pid=S0120-53232013000100009&script=sci_arttext&tlng=pt. Acesso em: 25 set. 2024.

MEZAN, R. Questões de método na história da Psicanálise. *In*: MEZAN, R. **O tronco e os ramos: estudos de história da psicanálise**. São Paulo: Companhia das Letras, 2014. p. 21-55.

RAJAGOPALAN, K. O conceito de interpretação na linguística: seus alicerces e seus desafios. *In*: ARROJO, R. (org.) **O signo desconstruído: implicações para a tradução, a leitura e o ensino**. 2. ed. Campinas, SP: Pontes, 1992. p. 63-66.

ROUDINESCO, E.; PLON, M. **Dicionário de psicanálise**. Tradução de Vera Ribeiro e Lucy Magalhães. Rio de Janeiro: Zahar, 1998.

SOUZA, P. C. **As palavras de Freud: o vocabulário freudiano e suas versões**. Companhia das Letras, 2010.

SOUZA, P. C. Esta edição. *In*: FREUD, S. **O eu e o id, “autobiografia” e outros textos (1923-1925)**. Tradução de Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2011. p. 9-12. v. 16. (Coleção Obras completas de Sigmund Freud).

SOUZA, P. F. Freud, tradutor do instinto. **Pandaemonium Germanicum**, São Paulo, v. 25, n. 47, p. 306-330, 2022. Disponível: <https://www.revistas.usp.br/pg/article/view/199783>. Acesso em: 27 set. 2024.

TAVARES, P. H. As “derivadas” de um conceito em suas traduções: o caso do *Trieb* freudiano. **Trabalhos em Linguística Aplicada**, Campinas, v. 50, n. 2, p. 379-392, jul./dez 2011a. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S0103-18132011000200009>. Acesso em: fev. 2022.

TAVARES, P. H. **Versões de Freud: breve panorama crítico das traduções de sua obra**. Rio de Janeiro: 7Letras, 2011b.

TAVARES, P. H. Sobre a tradução do vocábulo *trieb*. *In*: FREUD, S. **As pulsões e seus destinos** [Ed. Bilingue]. Trad. de Pedro Heliodoro Tavares. Belo Horizonte: Autêntica, 2013 [1915]. v. 2. (Coleção Obras Incompletas de Sigmund Freud).

Sobre os autores

Rayanne Caroline da Silva Amorim

Psicóloga. Psicanalista. Mestra em Psicologia pela Universidade Federal de Alagoas (IP/UFAL).

Charles Elias Lang

Psicólogo. Psicanalista. Doutor em Psicologia Clínica pela PUC de São Paulo. Professor titular do Instituto de Psicologia e do Programa de Pós-Graduação em Psicologia da Universidade Federal de Alagoas (PPGP/UFAL). Analista Membro da Associação Psicanalítica de Porto Alegre (APPOA).

Ana Carolina do Rosário Correia

Psicóloga. Psicanalista. Mestra em Psicologia pela Universidade Federal de Alagoas (IP/UFAL). Especialista em Psicopatologia, Psicanálise e Clínica Contemporânea (UniFil/Instituto ESPE).